

---

## **Educomunicação: Paulo Freire e a educação libertária contemporânea<sup>1</sup>**

Mariluce Lopes Pedrosa VEIGA<sup>2</sup>

Jiani Adriana BONIN<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo sistematizar os fundamentos do pensamento crítico educativo de Paulo Freire e refletir sobre o cenário educativo contemporâneo, atentando para as suas contribuições nesse contexto. A reflexão foi desenvolvida a partir de pesquisa teórica de um corpus de obras de Paulo Freire dedicadas à educação e de algumas propostas contemporâneas relevantes para problematizar o contexto contemporâneo educacional. As reflexões apontam para produtividade do pensamento do autor para pensar processos educativos críticos num cenário marcado pelo atravessamento das mídias nos processos educativos, principalmente os digitais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire; educação; diálogo; educomunicação; cidadania.

### **INTRODUÇÃO**

As novas tecnologias modificaram os cenários comunicacionais, em especial a comunicação digital, que trouxe novas possibilidades e grandes mudanças nos processos comunicativos. O ambiente comunicacional digital abre espaço para o diálogo, para a complexidade e multiplicidade dos sujeitos, de suas histórias, realidades, ações e de seus anseios individuais e coletivos, favorecendo transformações sociais e o exercício da cidadania. Essas novas dinâmicas comunicacionais evidenciaram a aproximação dos campos da comunicação com a educação e estão afetando diretamente os processos educativos. Diante desse cenário, torna-se essencial refletir sobre as novas tecnologias comunicacionais e seu papel nos processos de ensino aprendizagem e na construção da cidadania.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na II08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista de iniciação científica no Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM (CNPq), e-mail: maripveiga@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, e-mail: jianiab@unisinos.br

---

Neste contexto, a pesquisa em desenvolvimento *Educomunicação e Cidadania: Processos educacionais no projeto de Educação em Direitos Humanos da Escola Municipal Francisco Cândido Xavier* visa investigar as práticas educacionais desenvolvidas na Escola e suas potencialidades para o exercício da cidadania comunicativa. Vinculado a esta pesquisa, a proposta deste texto é refletir sobre as concepções de Paulo Freire, um dos grandes pensadores da educação brasileira, reconhecido internacionalmente pela sua compreensão crítico-política da educação, que defende uma educação progressista e libertária baseada na comunicação. De acordo com Gadotti (1996), Freire foi pioneiro no emprego de meios de comunicação social na área pedagógica. O objetivo é sistematizar os fundamentos do pensamento crítico educativo do educador e refletir sobre suas propostas e contribuições para pensar projetos educacionais na contemporaneidade.

Para a realização da proposta, desenvolvo inicialmente uma contextualização de aspectos sobre a trajetória de vida de Paulo Freire que o levaram a defender uma educação crítica libertária. Realizo, a seguir, uma sistematização e reflexão dos princípios que norteiam a teoria educativa do autor. Finalizo com uma reflexão sobre as contribuições do pensamento de Freire para a compreensão da inter-relação de comunicação e educação.

## **ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DE PAULO FREIRE**

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção um livro têm por trás de si uma única razão. (FREIRE, 2015, P.25)

Para auxiliar na reflexão sobre as concepções pedagógicas freireanas e sua contribuição para pensar o cenário educacional contemporâneo, proponho primeiramente revisitar a caminhada de Freire para explorar um pouco a gênese de suas ideias.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco. Foi alfabetizado em casa, escrevia com gravetos no quintal. Na crise de 1929, perdeu o seu pai e sentiu na pele a pobreza e a fome, o que despertou reflexões sobre essas situações e como transformá-las. Conseguiu concluir seus estudos, pois sua mãe lutou por uma bolsa no Colégio Osvaldo Cruz, para onde voltou mais tarde como professor. Começou a Faculdade de Direito em 1943, concluiu o curso, mas não exerceu

---

a profissão. Em 1947, com o seu trabalho no Serviço Social da Indústria – SESI como diretor do setor de Educação e Cultura, começaram a surgir em Freire perspectivas para a construção de uma nova educação, mais humana, progressista e transformadora, como revela Pereira (2014).

Preocupado com a situação social e educacional do Recife, em 1955, juntamente com outros professores, Freire fundou o Instituto Capibaribe, uma escola alternativa e transformadora que continua em atividade até hoje. Conquistou a titulação de Doutor em Filosofia e História da Educação e fundou o Movimento de Cultura Popular de Recife – MCP em 1960. Dois anos depois, aflito com o elevado índice de analfabetismo entre jovens e adultos e temendo que o trabalho educativo se desse na forma de “*invasão cultural*”, Freire desenvolveu em Angicos, Rio Grande do Norte, uma prática de alfabetização dialógica e libertadora, através da qual alfabetizou 300 trabalhadores. Seu trabalho ganhou notoriedade e ele foi convidado pelo então presidente, João Goulart, para uma campanha nacional de alfabetização. No entanto, em 1964, com o golpe militar, Freire foi considerado uma ameaça devido as suas ideias libertárias, tendo sido preso e exilado.

No exílio, continuou trabalhando e fortificando suas concepções educativas. Passou pela América Latina, África e Europa. Desenvolveu trabalhos em programas de educação no Chile, foi professor da Universidade de Harvard e consultor educacional em vários países. Também foi no exílio que lançou o seu livro mais famoso, *A pedagogia do oprimido*. A partir daí, seu trabalho passou a ser reconhecido mundialmente, tornando-o referência em alfabetização e educação popular.

Em 1980, com a Lei da Anistia, Freire voltou para o Brasil, acreditando na importância da esperança para a mudança, como relata Pereira “Ao retornar Freire, já bem maduro, com seus 58 anos de idade, aponta a necessidade de recriarmos o mundo tendo como motor da transformação a esperança” (2014, p.9). Foi professor da UNICAMP e da PUC. Em 1989, lutando para recriar a escola pública, aceitou o convite de Luiza Erundina para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Após sair do cargo, começou a colaborar com Projetos Culturais na África e na América Latina. Freire morreu em 2 de maio de 1997, legando-nos sua pedagogia de esperança e seu comprometimento com a transformação, em busca de uma realidade humanizada e livre.

---

## A OPRESSÃO E O PROBLEMA DA DESUMANIZAÇÃO

Não posso falar de Freire, de sua história e de pensamento crítico educativo sem falar do seu amor à humanidade, da sua luta pela liberdade, contra as injustiças, desigualdades sociais e opressão. Para ele, a Educação é política e ideológica, e é através dela que o homem pode reescrever a história e criar um futuro democrático, ético e humano.

As situações de opressão e desigualdade tiveram seu início, com a ideia de propriedade, quando o homem notou que poderia ter além do necessário para superar outros homens. Conforme reflete Rousseau (1989), o homem passa a produzir além do seu consumo e a ser explorado pelo próprio homem. Inicia-se aí a sociedade de classes, estabelecendo relações de poder, alicerçadas na contradição opressor-oprimido.

Com a implantação do capitalismo, o trabalho e as novas tecnologias não se colocam mais a serviço do homem, mas sim do capital. A questão das desigualdades sociais fica mais complexa. Como observa Figueiredo (2013), mesmo superando a insuficiência produtiva anterior com uma farta produção de recursos, o capitalismo não permite o término da desigualdade e da pobreza; pelo contrário, aumenta a desigualdade devido à exploração humana pela necessidade de reprodução e acumulação do capital. Nesse contexto, o homem passa a ser subjugado e é reduzido a agente de produção. Suas singularidades e potencialidades não o definem, sua individualidade passa a ser determinada pelos recursos financeiros que possui e as possibilidades de realização que estes podem proporcionar (CHAGAS, 2012).

A sociedade capitalista modifica as concepções de indivíduo. Nela o sujeito é estimulado a se colocar como independente, desinteressado, desligado, centrado apenas em seus problemas e realizações pessoais. Com isso, isola-se da comunidade, não se sente mais pertencente à totalidade. Com a ruptura com a comunidade, vai se tornando alheio a outros indivíduos, o que propicia a segregação, a indiferença mútua. O indivíduo egocêntrico passa a ser tratado como objeto e suas relações são objetificadas. “Os laços sócio-culturais (sic) que uniam os indivíduos são substituídos por laços mercantis entre eles, o mundo das mercadorias e do capital, produzindo a desumanização dos próprios indivíduos.” (CHAGAS, 2012, p. 7). Esse indivíduo desumanizado, tornado mercadoria, separado de suas premissas de existência, produz com seu trabalho algo que não lhe pertence, que lhe é alheio, e detém apenas uma

---

comunidade e uma totalidade ilusórias. Assim, os sujeitos são privados do seu direito de *ser mais*, tornam-se frustrados por não poderem atuar e carentes devido ao vazio das relações e da vida humana. (CHAGAS, 2012 e FREIRE, 2016).

Na proposta de Freire (2016), a modificação dessa situação de desumanização se dá, inicialmente, pela *conscientização do indivíduo de seu estado de objetificação*, para que, então, se reconhecendo como homem, *possa reconstruir-se e atuar como sujeito na sociedade*. Para ele “A desumanização, que não se verifica apenas nos que tem a sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que roubam, é distorção da vocação do *ser mais*.” (p. 62).

Uma realidade desigual e opressora requer a existência de opressores e oprimidos. De acordo com Freire (2016), compete aos oprimidos e aos que se solidarizam com eles *abandonar o fatalismo e a autodesvalia e lutar pela libertação*. Pois “para os opressores, o que vale é ter mais, e cada vez mais, a custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser para eles é ter como classe que tem”. (p.86) Então não percebem, na situação opressora de usufruidores, que *ter* passou a ser uma condição de *ser*, indispensável a todos os indivíduos.

Como as relações sociais e a realidade atual não são assim por mero acaso, mas são fruto da criação humana, a modificação dessa realidade é uma atribuição dos homens. É necessário superar esse cenário de opressão com uma consciência crítica da situação e com atitudes transformadoras que levem a uma nova realidade, mais humanizada e livre. “A *hominização* não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza o mundo. A *hominização* não é só processo biológico, mas também história.” (FREIRE, 2016, p.41).

O homem é um ser natural consciente, pois percebe a si e as suas conexões com o ambiente. É social visto que é resultado de suas ações em sociedade. Ativo, histórico e inconcluso, constantemente forma e transforma a si e ao mundo, em permanente aperfeiçoamento e renovação do saber. Como afirma Chagas (2012, p.5):

O indivíduo humano não é, portanto, exclusivamente um ser natural, mas natural humano-social, dotado de consciência e liberdade, que, diferentemente do animal, tem consciência de si, de sua atividade vital, de seu trabalho, e que não é passivo diante das condições naturais, mas ativo, que intervém a seu favor e transforma tais condições para a sua realização.

---

Para Freire, a conscientização e superação da situação opressora somente poderão acontecer através de uma pedagogia humanista e libertadora. Esta abarcaria dois momentos. Inicialmente a consciência da situação opressora e o engajamento para a sua transformação através da *práxis*, sendo esta reflexão e ação, quando a reflexão verdadeira conduz à ação e o conhecimento decorrente dessa ação é tema de reflexão crítica. Ultrapassada a fase de conscientização e modificação do cenário opressor, a pedagogia torna-se ferramenta no processo contínuo de libertação de todos os indivíduos, como revela Freire, para a “[...] expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora e que se preservam como espectros míticos, na estrutura nova que surge da transformação revolucionária” (2016, p.80).

## A EDUCAÇÃO HUMANISTA LIBERTÁRIA

A pedagogia humanista e libertadora, ao contrário da pedagogia tradicional<sup>4</sup>, tem como base uma educação horizontal, dialógica, que valoriza o outro, sua multidimensionalidade, o seu pensar autêntico e crítico permeado pela realidade. A pedagogia Tradicional, muito utilizada em nossas escolas, é conhecida por Freire como a *concepção Bancária da educação*, por ser um método de ensino rígido que tem como base a transmissão do conhecimento, em que o professor é o único detentor do saber e ele “deposita” conhecimentos nos estudantes.

A Pedagogia Bancária tem foco na aprendizagem receptiva através da repetição e memorização de conteúdos isolados. Os aprendizados são desconectados da realidade e desvinculados dos interesses dos estudantes. Não estimulam a *curiosidade epistemológica*<sup>5</sup>, a atividade mental e a consciência crítica, uma vez que são feitos de forma automática, apenas se recebe e se arquiva informações, não se repensa ou se elabora o próprio pensamento. Para Freire, essa forma de ensino é uma manifestação da opressão, já que prega a passividade e a adaptação e não uma compreensão crítica da realidade que resultaria na sua atuação como sujeitos, como *ser mais*. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”. (FREIRE, 2016, p.105)

---

<sup>4</sup> A *Pedagogia tradicional* é entendida como uma pedagogia centrada no professor e baseada fundamentalmente na transmissão do saber já constituído.

<sup>5</sup> Curiosidade que, segundo Freire, promove a inquietação, a busca, em uma perspectiva de construção crítica do conhecimento.

---

Antes de tudo é essencial, na *práxis* de uma educação libertadora, vencer a concepção de que o professor é centro do processo educativo, é o único que detém o conhecimento, que comunica. É importante respeitar os conhecimentos e experiências dos estudantes. Educadores e educandos, permeados pela realidade, são sujeitos, aprendem e educam um ao outro simultaneamente através da comunicação. É a *superação da contradição educador-educandos*:

Educador e educandos, cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes. (FREIRE, 2016, p.101)

O diálogo entre educadores e educandos começa, antecipadamente, já em torno do conteúdo a ser estudado, que não pode ser imposto, mas deve ser proveniente de uma construção conjunta. Como a pedagogia libertadora visa à construção de um pensamento crítico sobre realidade social e suas transformações através da reflexão coletiva, não é desconectada do mundo como a pedagogia tradicional, é importante que o professor conheça a realidade dos estudantes e respeite a leitura de mundo deles.

Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vistas sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças, ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (FREIRE, 2016 p. 143)

A leitura de mundo do estudante é o ponto de partida para a busca de uma compreensão de mundo mais sistemática e crítica, superando o senso comum sem jamais desrespeitá-lo. A partir dessa leitura, é possível problematizar e instigar a curiosidade do estudante, incitando-o a pensar, repensar, conhecer e se reconhecer como sujeito no processo de ensino aprendizagem, na (re)construção do conhecimento e do mundo. Assim se constrói uma educação dialética e problematizadora que vai muito além das concepções puramente tecnicistas. Educação que se alinha aos desafios da cultura científica que, como propõe Bachelard (1977, p. 169), deve se colocar “em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialectizar (sic) todas as variáveis experimentais, dar, por último, à razão razões para evoluir.”.

Por se tratar de uma pedagogia em que educadores e educandos definem atividades em conjunto, compartilham conhecimentos e decifram o mundo de forma dialógica e horizontal, pode ser interpretada erroneamente como uma pedagogia de ensino anárquica e acrítica quando, ao contrário, é orientada pela rigorosidade metódica, pelo compromisso com a verdade e com outro, pelo respeito e pela solidariedade.

Freire defende o equilíbrio entre autoridade e liberdade, pois, segundo ele, o excesso de liberdade gera licenciosidade e com ela desaparece a liberdade e a autoridade já o excesso de autoridade gera o autoritarismo, que novamente termina com a liberdade: “a liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada”. (FREIRE, 2017 p.103) A liberdade pode ser exercitada e a autonomia constituída a partir das tomadas de decisões e da responsabilização pelas próprias decisões. Como argumenta o educador, “uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas de liberdade” (2017 p. 105).

## **O CONTEXTO DE APRENDIZAGEM NA CONTEMPORANEIDADE E A EDUCOMUNICAÇÃO**

Vivemos em uma sociedade multicultural, em que a comunicação tem um papel essencial na formação e atuação dos indivíduos. A cultura social é influenciada por mediações entre os sujeitos e a realidade, através dos processos de comunicação na família, escola, grupos sociais, meios de comunicação, entre outros. Conservando, renovando e concebendo sentidos, “o ser humano constrói e é construído *no e pelo* processo cultural”, como argumenta Fígaro (2011, p.97) As relações interpessoais são determinantes nos processos de significação. “No confronto de pontos de vista expressos pelos diferentes mediadores é que se confirmam ou se repudiam os discursos.” (2011 p.97). Como lembra Freire, nada se constrói sozinho, os homens aprendem juntos, mediatizados pelo mundo.

A mídia tem uma participação significativa na construção, transformação e manutenção social. As mídias influem na forma como compreendemos o mundo. Elas elegem conteúdos a serem consumidos pelos indivíduos, os temas de discussão social, como atualmente se realiza no meio digital, a seleção de conteúdos visíveis através de algoritmos nas redes sociais. Elas também definem ângulos e pontos de vista que serão abordados nas informações divulgadas. Estas informações são percepções

representadoras da realidade captadas através de um recorte de realidade. Muitas vezes, elas são tidas como totalizadoras, únicas, o que favorece a uniformização das representações coletivas, a massificação e o domínio da opinião pública. Como argumenta Bacela (2011), “o mundo é editado e assim ele chega a todos nós; sua edição obedece a interesses de diferentes tipos, sobretudo econômicos”. (BACCEGA, 2011, p.38)

No atual cenário de crescentes mudanças tecnológicas, a ascensão do meio digital viabilizou a produção e disseminação de informações fora dos meios tradicionais e hegemônicos, difundindo novas formas de produção comunicativas em que os indivíduos podem tornam-se sujeitos nos processos. Estas transformações põem em cheque a concepção de *receptor*, visto como um ser passivo, que só recebe informações.

Este processo extrapola as fronteiras midiáticas, entrelaçando-se às formas de produção comunicativa dos sujeitos que potencialmente criam, reconstruem e modificam práticas sociais e comunicacionais, também a partir dos contextos concretos em que vivem de seus referentes culturais e simbólicos e de seus particulares modos de vida. (MALDONADO, 2014, citado por BONIN; SAGGIN 2017, p. 100).

O ambiente digital alterou as coordenadas de espaço-tempo socioculturais, ampliou a quantidade, a velocidade e o acesso aos mais diversos tipos de informação e conhecimento como, também, abriu espaço para redes de significação alternativas. Embora o acesso às mídias digitais, até o momento, não esteja estendido a todos, elas vem se constituindo como um facilitador do diálogo, da produção de sentidos pelos indivíduos, que começam a se reconhecer como sujeitos, rompendo com a soberania das mídias hegemônicas. “Os diálogos, as conversas, as escutas, os debates e os fóruns ampliaram-se, reproduzindo, em parte as formas culturais vigentes, porém estabelecendo também canais de inter-relação humana de nova configuração”. (MALDONADO, 2013 p.97)

Conhecer as dinâmicas comunicacionais da sociedade da informação se tornou indispensável. Com o meio digital, “mudaram as condições de produção de mensagens, como também as relações de circulação, apropriação e fruição de bens simbólicos”. (MALDONADO, 2013, p. 97)

Os meios são, atualmente, um espaço cenário relevante nos processos de aprendizagem. Através deles temos acesso a uma ampla quantidade de informações, em

sua maioria, fragmentadas, que precisam ser selecionadas, problematizadas, ressignificadas, transformadas em conhecimento. O conhecimento de acordo com Baccega (2011) é dado através da integralidade, que é obtida pela transdisciplinaridade, uma diversidade de saberes que se comunicam entre si e com o corpo social.

No cenário atual aponta para a importância da comunicação nas múltiplas transformações humanas, na formação dos sujeitos, no exercício da cidadania e evidencia a necessidade de se pensar uma educação *com e para* a comunicação. Uma educação que não só eduque *para e com* os usos da tecnologia, mas em busca de um pensamento crítico, que reconheça o diálogo como pilar na (re)construção de conhecimentos, como pensava Freire. Desta inter-relação entre educação e comunicação surge, com a contribuição de pensadores como Jesús Martín-Barbero, Mario Kaplún e Paulo Freire, a Educomunicação, “uma área que busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo” (CITELLI; COSTA, 2011, p. 8).

Todas essas mudanças indicam a necessidade de se repensar o papel da escola na contemporaneidade. Como argumenta Martín-Barbero, “O cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos quais se produzem as decisões que o afetam, seja no campo do trabalho, seja no âmbito familiar, político e econômico”. (2011, p.130) Para isso, é preciso abandonar as concepções tradicionais e conservadoras de educação utilizadas na maioria das escolas hoje e abraçar a comunicação como componente basilar da educação. Construir práticas educomunicativas que visem formar cidadãos conscientes, críticos, autônomos e solidários, como propõe Freire. Educar para a *práxis*, para entender o funcionamento das mediações, das mídias, de suas influências, a formação da cultura, da realidade e, assim, participar da construção de uma nova história.

A mudança é desafiadora, vivemos em um país em desenvolvimento com vários problemas sociais, políticos e econômicos, imersos nas concepções capitalistas e no etnocentrismo estadunidense e europeu. “O progresso humano é rebaixado ao modo de vida capitalista dos Estados Unidos, da Europa Ocidental e do Japão”. (MALDONADO, 2013, p. 95) Um país, que convive, atualmente, com o avanço de governos com ideologias retrógradas e excludentes e a descrença no sistema democrático. Por outro lado, as mudanças nos processos de comunicação que levaram a produção de

---

informação independente, e a elaboração de pesquisas científicas, estão sendo determinantes para expor e problematizar tais concepções.

Produz-se uma ampliação significativa das fontes de informação comunicacional e de pesquisa, bem como a divulgação do conhecimento, que tem permitido desmontar as retóricas conservadoras em breves períodos de tempo. (MALDONADO, 2013, p.96).

A educação pública brasileira sofre com concepções metodológicas retrógradas, com a desvalorização da docência, com estruturas escolares precárias, com carência na formação de professores e funcionários de forma continuada, entre tantos outros problemas. “o que se encontra em sala de aula é, muitas vezes, um sistema em crise, com enorme quantidade de problemas, e que não consegue cumprir o seu objetivo fim: promover o ensino de qualidade aos estudantes”. (CITELLI, 2011, p.68) Educadores, desvalorizados e acostumados com a educação tradicional e conservadora, têm dificuldades em se adaptar as novas realidades contemporâneas. Como argumentava Bacelar, “Chega uma altura em que o espírito gosta mais daquilo que confirma o seu saber do que daquilo que o contradiz, prefere as respostas às perguntas. Passa então a dominar o instinto conservativo e o crescimento espiritual cessa”. (1977 p. 167)

Nos dias de hoje, o educador precisa lidar com diversos desafios, como o paradoxo comunicativo que é a dificuldade de comunicação na sociedade da informação, como explica Martín-Barbero (2011, p.201):

Estamos vivendo em um processo de incomunicação gigantesco entre pais e filhos, entre casais, entre governo e cidadãos. O governo vai pelo seu lado, por seus interesses, e a cidadania vai por outro. Vejo um grande paradoxo. Estamos atravessando uma situação na qual o reconhecimento do outro, a valoração do outro aparece como grande descoberta.

O educador tem que lidar com os saberes e competências das novas gerações, com a multidimensionalidade e a necessidade dos educandos de terem as suas habilidades e experiências respeitadas, de serem ouvidos e reconhecidos. Essa necessidade fica a cada dia mais evidente em blogs, fóruns, redes sociais e plataformas de vídeo. Cabe também ao educador lidar com a convergência e crescente atratividade das mídias, e isso em uma escola tradicional, centralizada, que muitas vezes presa pela transferência de conhecimentos de forma compartimentada, que ensina coisas que

muitas vezes não têm relação direta com questões significativas para os estudantes. Escola que quer se “modernizar”, mas se mantém focada somente na aquisição de recursos técnicos para o uso das tecnologias no espaço escolar, o que está longe de ser o suficiente. “o tecnicismo da oferta educativa por si só não garante melhor educação” (CITELLI, 2011, p.68) Os equipamentos, na maioria das vezes, não são utilizados na produção de conhecimento, mas somente para a ilustração de conteúdos.

Antes os jovens iam a escola aprender a ler e a escrever. Agora, chegam à escola com novas linguagens, novos modos de ler e escrever que a escola não quer acolher. Não sabe, não entende, é outra coisa. O problema básico da escola é abrir-se para novas linguagens. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p.208)

No entanto, como contraponto a essa realidade, juntamente com a escola tradicional, encontramos em nosso país, atualmente, várias pesquisas e iniciativas na perspectiva educomunicativa, inclusiva e cidadã, em universidades, escolas públicas, particulares, meios de comunicação, associações, projetos sociais, entre outros. Trabalhos que merecem ser estimulados, como também estudados e analisados no sentido de seus desdobramentos e potencialidades na prática educativa e no exercício da cidadania comunicativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As transformações comunicacionais estão acontecendo e como a realidade não é estática, tendem a continuar se modificando. O sistema educativo precisa ser repensado para dar conta das transformações nos mais diversos contextos e realidades atuais e assumir o seu papel de formador democrático de sujeitos conscientes, éticos e atuantes nas transformações do mundo. Precisa compreender definitivamente a importância da comunicação na produção de conhecimento, já que “Comunicar é conhecer.” (KAPLÚN, 2011 p.182), e na construção da cidadania.

Penso que a atentar para a relevância da comunicação na formação dos indivíduos e nas transformações político-sociais foi uma das contribuições mais importantes de Paulo Freire para o mundo. Suas concepções de educação humanizada, baseadas na construção do conhecimento através do diálogo, na valorização e respeito aos saberes do outro, e a importância da conscientização dos indivíduos de sua situação

de *objetificação* para assim, atuarem como sujeitos de sua história, são contribuições muito significativas para se pensar o desenvolvimento das práticas educacionais.

Os desafios são grandes, mudanças profundas e significativas levam tempo, necessitam de comprometimento, ação crítica e esperança, como lembrava Freire. Talvez, em breve, diante dessas transformações, estejamos prontos para, juntos, começar a nossa caminhada em direção à humanização, ao diálogo, ao pensamento libertador de Paulo Freire, que esteve muito à frente de seu tempo.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 31-41, 2011.

BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (Orgs.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, p. 23 -42 2013.

BONIN, Jiani Adriana; SAGGIN, Lívia. Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa. **Revista Conexão: comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v. 16, n. 32, p. 97-113, 2017.

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 7-9, 2011.

CITELLI, Adílson Odair. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: \_\_\_\_; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 59-76, 2011.

CHAGAS, Eduardo F. O indivíduo na teoria de Marx. **Revista Dialectus**, Fortaleza, a.1, n. 1, p. 1-16, 2012.

CORRÊA, Franciele Zarpelon. **O processo de produção radiofônica no projeto Alunos em Rede - Mídia Escolares: a construção de saberes, competências e cidadania no âmbito comunicativo e cultural**. 2012. 297f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2012.

**Dicionário Paulo Freire**. STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FÍGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 92-98, 2011.

FIGUEIREDO, Joseane Gomes. Desigualdade social e capitalismo: os limites da igualdade sob a ordem burguesa. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 6. 2013 São Luiz. **O desenvolvimento da crise capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a humilhação**. São Luiz: Universidade Federal do Maranhão, 2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo4-desigualdadessociaisepoliticaspUBLICAS/desigualdadessocialecapitalismo-oslimitesdaigualdadesobaordemburguesa.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2019.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. 55 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 175-186, 2011. LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (Orgs.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, p. 87 -103, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 121-134, 2011.

\_\_\_\_\_. Sujeito, comunicação e cultura. [Entrevista cedida a] Roseli Fígaro e Maria Aparecida Baccaga. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

GADOTTI, Moacir (Org.) **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

PEREIRA, Dulcinéia Ferreira. Paulo Freire: Uma vida como obra que permanece. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, São Paulo, v. 9, p. 247-262, 2014.

SAGGIN, Lívía. **Educomunicação, mídias digitais e cidadania: apropriações de oficinas educacionais por jovens da Vila Diehl na produção do blog Semeando Ideias**. 2016. 328f.

---

Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 13-29, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Ática, 1989.